POLÍTICAS E SUJEITOS EM (RE) CONSTRUÇÃO: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES NO PROEJA NO IFES CAMPUS VITÓRIA

Tatiana de Santana Vieira (UFES/SEDU)[1]
Edna Castro de Oliveira (UFES)[2]

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) possui marcas que caracterizam a luta pelo direito à educação de seus sujeitos. Nesse contexto, a pressão social por políticas públicas tensiona o Estado a elaborar ações para responder a demanda social. Nessa conjuntura destacamos neste artigo a implementação do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica Na Modalidade de Jovens e Adultos (PROEJA) no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) Campus Vitória.

O PROEJA foi instituído por meio do Decreto nº 5.478/05 e atualizado pelo Decreto, nº 5.840/06. Com o advento do programa, três modalidades da educação separadas historicamente no âmbito do poder público – Educação Básica, Educação Profissional (EPT) e Educação de Jovens e Adultos – configuram uma possibilidade de oferta de educação para a classe trabalhadora. A instituição legal do Programa evidencia que o governo federal buscou não apenas atender a demanda de escolarização de trabalhadores jovens e adultos, mas vinculá-la à educação profissional técnica.Com o PROEJA, um lócus importante para o desenvolvimento da política de integração da EJA com a EPT foram as instituições ligadas à rede federal de ensino, compelidas a implantar o Programa.No cenário capixaba, o Ifes campus Vitória foi pioneiro no atendimento dessa política ofertando os cursos integrados ao ensino médio de Metalurgia e Materiais, Edificações e Segurança do Trabalho.

[1] Doutoranda e Mestra em Educação (PPGE/CE/UFES), Especialista em PROEJA (Ifes) e Licenciada em História (UFES). Membro do Núcleo I do Observatório da Educação (PPG-UfesObeduc-CAPES-UFG/UnB) e do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEJA/CE/UFES). Professora da rede estadual de Ensino (SEDU/ES). E-mail: tsv_08@hotmail.com

[2] Doutora em Educação Brasileira pela UFF, professora adjunta do CE da UFES. Integra a linha de pesquisa Diversidade e Práticas Educacionais Inclusivas do PPGE/CE/UFES. Coordena o Núcleo de Educação de Jovens e Adultos (NEJA/CE/UFES) e o Núcleo I do Obeduc-CAPES-UFG/UnB. E-mail: oliveiraedna@yahoo.com.br

A perspectiva da pesquisa desenvolvida foi refletir sobre a implementação dessa política a partir da ótica de educandas e educandos que compartilham a experiência de serem sujeitos do PROEJA no Ifes Campus Vitória. A diversidade e a multiplicidade de experiências desses sujeitos dentro e fora da escola tornam-se fundamentais para o desenvolvimento do Programa na instituição, pois compreendemos que a diversidade da EJA desafia o Instituto capixaba a rever suas práticas, de modo a lançar novos olhares para "os fundamentos das práticas pedagógicas que permanecem reproduzindo o fracasso escolar e a chamada 'evasão'" (BRASIL, 2007, p. 08). Em relação a essas práticas, verifica-se a necessidade da "superação das estruturas rígidas de tempo e espaço presentes na escola" (ARROYO, 2004 apud BRASIL, 2007, p. 23), que reforçam a ideia "de exclusão includente e inclusão excludente existentes no mundo do trabalho" (KUENZER, 2005, p. 93), que repercute na Instituição.

A partir das considerações em torno da motivação deste estudo, tomamos como problema a seguinte questão: que identidades e representações sociais os educandos do PROEJA no Ifes Campus Vitória denunciam, anunciam e (re) constroem a partir de seus percursos de formação?Esse problema teve como objetivo geral analisar os sentidos do PROEJA e as possibilidades de construção de identidades e as representações sociais dos educandos do PROEJA no Campus Vitória do Ifes.

O mapa do texto está organizado em quatro momentos. O primeiro momento apresenta os caminhos metodológicos, abordagens e estratégias da pesquisa. Evidencia que o estudo assumiu a perspectiva qualitativa de investigação e utilizou a abordagem e estratégias dos Grupos de Discussão, tendo como orientação para as análises a referência do Método Documentário (WELLER; PFAFF, 2010). No segundo momento dialoga com os campos dos estudos culturais e da psicologia social para refletir teoricamente acerca das categorias centrais do artigo: identidades e representações sociais. No terceiro momento relaciona a discussão teórica à escuta das falas dos sujeitos da pesquisa. Finalmente, no quarto momento são tecidas as considerações finais, nas quais são apontados os resultados alcançados com a pesquisa e as contribuições da mesma para a discussão em torno das políticas públicas educacionais para os trabalhadores.

2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

Os caminhos percorridos e construídos no desenvolvimento da pesquisa fundamentaram-se na metodologia de natureza qualitativa, uma vez que essa considera a relação dinâmica, particular, contextual e temporal entre pesquisador e sujeito pesquisado, e interpreta os fenômenos à luz do contexto, do tempo e dos fatos (MICHEL, 2009, p. 36-37) relacionados à "compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações" (GATTI; ANDRÉ, 2010, p. 29).

Na pesquisa realizada, optamos pela abordagem metodológica dos Grupos de Discussão, cujo principal objetivo "é a obtenção de dados que possibilitem a análise do contexto ou do meio social dos entrevistados, assim como de suas visões de mundo ou representações coletivas" (WELLER, 2010, p. 56). A condução e a discussão dos temas são realizados pelos sujeitos-atores-autores que, na prática da pesquisa, exercem, além do protagonismo, a autonomia. A pesquisadora assume uma postura de mediadora e não porta-voz dos sujeitos. Sendo assim, apresenta e não representa os trabalhadores jovens e adultos, educandos do PROEJA. Essa atitude tem como intencionalidade a escuta cuidadosa e reflexiva dos sujeitos sobre seu cotidiano na instituição.

Para análise dos grupos de discussão, apoiamo-nos em um método específico de interpretação, chamado Método Documentário. Segundo Weller (2005) este método auxilia os pesquisadores a conhecer contextos e representações sociais alheios aos seus ao voltarem-se para o estudo das realidades sociais, visões de mundo e ações dos sujeitos participantes da pesquisa.

A práxis no campo de pesquisa ocorreu em 2013 no Ifes Campus Vitória. Nesse período acompanhamos as reuniões intermediárias do PROEJA referentes ao semestre letivo 2012/02, observamos duas aulas dos cursos de Metodologia e Materiais e realizamos três encontros de Grupos de Discussão com seis educandas e educandos dos cursos de Edificações e Segurança do Trabalho do PROEJA.

Ressaltamos que caminhos percorridos com a pesquisa nos foram possíveis pela escolha metodológica da abordagem qualitativa. Esta nos permitiu constatar que a metodologia é um caminho construído no caminhar da investigação e não um dado *a priori*. Por isso tivemos segurança para adentrar as oportunidades apresentadas e modificar a direção dos passos da investigação. Nesse contexto, destacamos como momento relevante para a abordagem metodológica o protagonismo dos educandos com os quais conversamos.

3. IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: CATEGORIAS EM (DES) CONSTRUÇÃO

Aprendemos com Paulo Freire (2011) o valor do diálogo como elemento propulsor da tomada de consciência para uma ação cultural com vistas à liberdade. Isso nos incentivou a colocar em interlocução intelectuais de diversos campos do conhecimento (história, filosofia, sociologia, educação, psicologia social), com suas respectivas posições teóricas, para um exercício dialógico. Propusemos, assim, esse desafio, como exercício que contribuiu com nossa formação acadêmica e nos ensinou a trabalhar com teorias distintas, compreendendo-as como pontes que possibilitam a travessia dos caminhantes e não como muros que impõe obstáculos ao caminhar.

A concepção de identidade que conduz esse trabalho parte das discussões de Stuart Hall (2011). Embora o teórico admita a ocorrência de uma problematização em torno da validade ou não da teorização sobre a identidade, Hall defende a importância política do tema na constituição de laços de identificação de coletivos frente à constituição discursiva de práticas de desigualdade e exclusão socialmente reproduzidas. A perspectiva de análise de Hall está na identidade como diáspora. A diáspora pode ser compreendida como a relação entre o sujeito e sua inserção no mundo, a saída de mulheres e homens de si mesmos, e do modo como se percebem e interpretam, para constituírem-se sujeitos inseridos no mundo.

Assim, as identidades apresentam-se como categoria histórica, cultural e política, na qual novos grupos emergem e interseccionam outros no campo social, marcado pela disputa e fluidez. Não há mais sedimentação de uma identidade cristalina, essencialista, mas vivemos em um contexto marcado pela “crise da identidade”. Pela diversidade e movimento constante das identidades, o sujeito não pode ser categorizado e mensurado sob a ótica moderna.

Ao tratarmos do estudo da categoria identidade pudemos compreender o quanto ela está relacionada às representações sociais, seja pela interlocução entre a subjetividade e o ambiente social, seja pela metamorfose das identidades, por sua historicidade e, sobretudo, pela inevitabilidade de não se construir isolada, mas pelo espelho do “outro”. Por causa dessa força das criações coletivas, expressa nas

representações de um grupo de indivíduos, reservamos um espaço para o diálogo a respeito desse fenômeno social fundamental à compreensão do pensamento de educandos do PROEJA no Ifes Campus Vitória a respeito de si mesmos como sujeitos inseridos no mundo.

Nesse sentido, ao abordar a categoria das representações sociais intencionamos compreender as ideias fixadas sobre os sujeitos do PROEJA, tal como as representações deles em relação às suas experiências escolares. Segundo Moscovici, "as representações sociais se apresentam como uma 'rede' de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos interligadas livremente e, por isso, mais móveis e fluidas que teorias" (MOSCOVICI, 2004, p. 210). Podem ser compreendidas como um fenômeno, uma realidade quase tangível que se entrecruza e cristaliza por meio de palavras e gestos. Assim como estão presentes nas relações humanas, contribuem para formação da realidade cotidiana. Soma-se a essa compreensão a ideia de ligação entre o mundo subjetivo e o social, não se sobrepondo um ao outro, mas ligando-se intrinsecamente. Nas palavras do referido autor, "nós percebemos o mundo tal como é e todas as nossas percepções, ideias e atribuições são respostas aos estímulos do ambiente físico ou quase físico em que nós vivemos" (p. 30).

4. O PROEJA NO IFES CAMPUS VITÓRIA: CAMPO DE (RE) CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES

A proposta de investigar o PROEJA pela ótica dos seus sujeitos constituiu o ponto central dessa pesquisa. Essa postura possibilitou refletir sobre o Programa e instituição de políticas para a EJA deslocando o ângulo de análise para o cotidiano escolar e as relações lá estabelecidas.

As falas de educandos e educandas apontam que diferenças entre os estudantes do PROEJA e os "outros", ou seja, estudantes do ensino regular, são postas cotidianamente, numa relação tensa, em diversos momentos. Nesse sentido, ser do PROEJA envolve uma gama de representações materializadas em processos excludentes, e até mesmo em atividades nas quais "toda" a comunidade escolar participava.

> *Antigamente éramos tratados com indiferença, os alunos PROEJA. Porque nas feiras de mostra tecnológica, o PROEJA não estava,*

> *tinha divisão. [...] Fomos o primeiro grupo, sala do PROEJA a entrar, e apresentar de igual pra igual. Até então, os alunos do PROEJA não podiam participar, só assistir, você fazia um projeto e não podia expor.*

Tais representações indicam que os cursos do PROEJA eram tornados invisíveis pela instituição, tratados como marginais, pois, embora compartilhem o espaço físico com os demais cursos do Ifes, não eram reconhecidos como integrantes da escola. O termo marginal nos remete à ideia de quem está à margem, na fronteira. Sobre essa ideia, Guimarães Rosa (1994) propõe um deslocamento da significação da margem. O ilustre escritor brasileiro abre a possibilidade de interpretação da realidade a partir de uma terceira margem. No Ifes, essa terceira margem é o PROEJA, que desafia o instituto a desconstruir-se para uma perspectiva de educação centrada na formação integral dos sujeitos e voltada para as classes populares. O termo "antigamente", ponto de partida da narração, sugere ser a participação dos estudantes do PROEJA nos eventos escolares um ponto que contribuiu para a superação dessa indiferença. Afinal, o PROEJA, ao "aparecer" para a escola nessas atividades, não apenas participa e é visto, mas reivindica o direito de ocupar esse espaço.

No jogo de resistência para a permanência na escola, os educandos compreendem os sentidos negativos de ser do PROEJA no Ifes. Se de um lado, reconhecem a importância do programa para suas vidas, por outro a marca do PROEJA no Ifes, em certos momentos, é um fardo:

> *Eu acho... ainda tem um certo tipo de preconceito, a própria escola gera esse preconceito. Porque quando você emite uma carteirinha... a minha, por exemplo, quando eu entrei no curso, era construção civil, agora é edificações e na carteirinha tinha: Edificações PROEJA. Tem outra menina da minha sala que ela também é do PROEJA, mas a dela não tem, só tem Edificações. A própria escola gera esse preconceito, como gera assim os mais atrasados, os mais velhos, até no corredor a gente escuta os professores comentando: "Ah, é do PROEJA! Ah, tá explicado!" e as outras turmas acabam vendo a gente assim, com um certo preconceito, como os desfavorecidos da classe.*

No relato acima o preconceito exemplifica as desigualdades produzidas sobre as diferenças não reconhecidas dos sujeitos. A problematização causada pelo uso do nome PROEJA na carteirinha escolar demonstra que os educandos sabem o que representa ser do PROEJA no Ifes e não querem ser tachados como "os mais

atrasados, os mais velhos” ou os “desfavorecidos”. Eles resistem a esses estereótipos, que tentam cristalizar representações e identidades impostas.

Não há, portanto, um modo fixo de ser educando do PROEJA, existem processos que contribuem para os estudantes pensarem em si próprios e nas relações com os outros. Sendo as identidades intrinsecamente ligadas às representações que os “outros” elaboram sobre o grupo, os sujeitos percebem o modo desigual como são vistos pelos estudantes de outros cursos.

> *Eu particularmente não me atinjo, porque o mesmo processo que eles fizeram pra entrar eu fiz também, com a prova, eu fiz também. E hoje eu me sinto vitoriosa por ter passado pelo que a gente passou. O mesmo patamar que eles chegaram eu tô chegando, os professores não arregaram pra eu passar de ano. Eu me sinto vitoriosa, é uma oportunidade que as pessoas deveriam saber.*

Por esse relato, percebemos que a educanda ainda infere ser mais “atrasada” em relação aos educandos de outros cursos. Não compreende que se trata de diferentes tempos-saberes de aprendizagem, que, por isso mesmo, deveriam gerar diferentes estratégias de ensino. A afirmação de que se está chegando ao mesmo patamar indica a possibilidade de adequação ao modelo de aprendizagem pré-estabelecido e esperado no Instituto. Os educandos que permanecem são aqueles que internalizam (MÉSZÁROS, 2005) e conseguiram adequar-se aos padrões de ser estudante do Ifes e os processos pedagógicos praticados pelos professores.

No entanto, a identificação com o PROEJA não é negada pelos sujeitos, bem como a sua relação com os pares da turma, como expresso no seguinte depoimento: “Por ter passado pelo que a gente passou [...]”. Essa expressão de solidariedade indica o sentimento de pertença a um grupo que compartilha experiências e nelas se constitui. Ademais, os processos de exclusão pelos quais passam não os impedem de valorizar as vitórias alcançadas e incentivar a entrada de novos sujeitos, bem como a continuidade dos estudos de educandos dos primeiros períodos.

> *Eu fui pegar uma assinatura e a Simone [disse]: “vem cá um pouquinho”. Mas é importante mesmo falar pra quem está chegando, assim como eu fui muito incentivada.*

No trecho acima é descrita uma situação na qual a educanda, ao procurar a professora para resolver uma questão burocrática, foi convidada a entrar na sala de

aula do primeiro módulo de um curso do PROEJA para compartilhar sua trajetória no Ifes como aluna do PROEJA. A professora pretendeu incentivar os alunos a continuar, pois alguns estudantes manifestavam a vontade de “desistir”. Isso reforça a importância de os estudantes mais antigos incentivarem os que chegam, assim como foram motivados por outros colegas, professores e pela equipe pedagógica e coordenadoria do PROEJA.

As ponderações desta seção apontam para a persistência de práticas excludentes no Ifes Campus Vitória. Nesse sentido, os educandos do PROEJA são tensionados por representações sociais cristalizadas em conceitos de interiorização a seu respeito. Embora escapem a identidades engessadas e fixas, algo fundamental nas trajetórias dos sujeitos é a identificação com a situação da classe trabalhadora que perpassa os tempos-espaços escolares. Em muitos momentos os educandos são tratados como invasores de um espaço destinado aos mais aptos e capazes. Entretanto, apesar dessas práticas de marginalização, eles insistem em ocupar um lugar que lhes foi historicamente negado e provocam o Instituto a refletir acerca da garantia de políticas públicas, em especial, de educação para o povo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo dissertou sobre trajetórias de formação e representações de educandos de cursos do PROEJA no Ifes *Campus* Vitória. Os percursos transcorridos tiveram como horizonte responder ao objetivo de analisar os sentidos do PROEJA e as possibilidades de construção de identidades e representações sociais entre/com educandos desse Programa.

Os resultados apontam que educandos do PROEJA são tensionados por representações sociais cristalizadas em desconceitos a seu respeito, que reproduzem a inclusão excludente no Ifes Campus Vitória. Tais representações desacreditam a capacidade de aprendizagem de certos conteúdos, a possibilidade de construção de conhecimentos mais elaborados e apostam na rejeição dos educandos do PROEJA pelo mercado de trabalho.

Esses educandos expõem a complexidade vivida no cotidiano escolar, no qual práticas emancipadoras e conservadoras caminham lado a lado em seus percursos formativos. Desse modo, denunciam práticas inadequadas à modalidade de Educação de Jovens e Adultos, que lhes negam o direito à educação, desrespeitando os tempos-espaços de aprendizagem dos sujeitos, afirmando não ser a escola lugar para quem trabalha e estuda. Os relatos dos estudantes demonstram que os educandos se compreenderam como sujeitos de direito e, por isso, reclamam um modo de ensino que respeite suas especificidades.

Outrossim, as representações sociais sobre o PROEJA indicam que alunos dos cursos do programa são tornados invisíveis e tratados como marginais, pois embora compartilhassem o espaço físico com estudantes dos demais cursos do Ifes, não são efetivamente reconhecidos como integrantes da escola.

Ainda que escapem a identidades engessadas e fixas, algo fundamental nas trajetórias dos sujeitos é a sua identificação com a situação da classe trabalhadora, que perpassa os tempos-espaços escolares. Não há, portanto, um modo fixo de ser educando do PROEJA, mas processos que contribuem para os estudantes pensarem em si próprios e em suas relações com os outros. Sendo as identidades intrinsecamente ligadas às representações que os “outros” elaboram sobre o grupo, os sujeitos percebem o modo desigual como são vistos pelos estudantes de outros cursos.

Entretanto, os dados da pesquisa apontam que, apesar de práticas de marginalização e exclusão da escola, os educandos do PROEJA lutam para ocupar um lugar historicamente negado e provocam o Instituto a refletir e rever os mecanismos internos à gestão e às práticas pedagógicas escolares que (im)possibilitam à instituição assumir o PROEJA como política pública de formação integral da classe trabalhadora. Por isso, as trajetórias e experiências de educandos denunciam e anunciam a urgência de continuar a luta pela afirmação do PROEJA no Ifes Campus Vitória.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL/MEC/SETEC/PROEJA. **Documento Base**. Programa nacional de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos. Brasília: SETEC/MEC, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marly. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010, p. 29-38.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KUENZER, Acácia Zeneida. Exclusão includente e inclusão excludente. In: **Capitalismo, trabalho e educação**. LOMBARDI, José Claudinei, SAVIANI, Dermeval, SANFELICE, José Luis [Orgs]. 3. ed. – Campinas, SP: Autores Associados, HISTEDBR, 2005. p. 77-95. (Coleção educação contemporânea)

MÉSZÁROS, István. **Aeducação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2009.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**. Ano 7, nº 13, jan/ jun. Porto Alegre, 2005, p. 260-300. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7378/1/ARTIGO_ContribuicaoKarlMannheim.pdf>. Acesso em: 13 de abril de 2013.

___. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010, p. 54-66.

WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.